

“Autogestão: releituras das religiões através da experiência do Piá”¹

Marcos Ferreira Santos²

“O que tem a ver tudo isso com o anarquismo? Simplesmente, que o socialismo de tradição marxista, isto é, o socialismo de Estado, se distanciou tanto das sanções religiosas e foi conduzido a tão lastimosos subterfúgios em sua busca de substitutos para a religião, que por contraste o anarquismo, que não carece de tensão mística, é em si mesmo uma religião [re-ligare], isto é, não é desatinado supor que do anarquismo possa surgir uma nova religião [re-legere]. Durante a guerra civil espanhola, a muitos observadores, os impressionou o religioso ardor dos anarquistas. Neste país de renascimento em potência, o anarquismo inspirou não somente heróis mas até santos, uma nova raça de homens [e mulheres] cuja vida está consagrada, na imaginação sensível e na prática, à criação de um novo tipo de sociedade humana.”
Herbert Read (1978, p.54).

“Se o crescimento físico fosse limitado por qualquer meio artificial, tal fato seria qualificado de monstruoso. Também a limitação do desenvolvimento de sua sensibilidade, do seu desenvolvimento intelectual, moral e afetivo, anulando o seu potencial criativo seria lógico considerar-se uma monstruosidade. No capitalismo esse absurdo se dá em todas as instâncias da vida social e ninguém considera isso um absurdo, somente os anarquistas (...) Há assim um ímpeto utópico... é preciso muito sonho, muito desejo, muita crença nas possibilidades de cada um e na de todos para que possamos superar os obstáculos, vencer as dificuldades, construir possibilidades remotas, tornar em ato o que parecia um sonho impossível. A história do anarquismo é, como dissemos, pontilhada destes atos de lucidez, paixão, heroísmo e amor que sempre foram e serão muito gratificantes para os que viverem tais momentos de plenitude libertária.”
Jaime Cubero (1997)

Algo que caracteriza a circulação do pensamento libertário no Brasil e a existência (mais ou menos breve) de experiências concretas de pedagogia libertária é a sistemática repressão, censura e perseguição que se impõe sobre estes homens, mulheres e crianças. Em nossa coleção histórica de *“absurdos gloriosos”* - parafraseando Renato Russo – a imagem do ser anarquista se *“colou”* no repertório das sombras que devem ser extirpadas. Nesta tarefa se somam em conluio liberais, neo-liberais e marxistas disseminando a torpe idéia de que a anarquia e o anarquismo são sinônimos de *bagunça, desordem, barbárie*.

Se pensarmos de maneira mais plural, isto é, a partir de uma postura de *pluralismo epistemológico*³, num esforço *convivial* de aprendizagens recíprocas, temperado com um molho de paixão e intelecto, de razão e amorosidade, de fraternidade e engajamento, de curiosidade e respeito; poderemos encontrar ingredientes muito propícios para uma experiência autogestionária.

De maneira muito didática, o pensamento libertário se estrutura em torno de quatro convicções:

¹ Artigo no prelo a sair pela *Revista de Pós-Graduação Pesquisa & Educação* da FIZO/São Paulo.

² Livre-docente em *Cultura & Educação* – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP); Professor de *Mitologia Comparada* e Professor visitante de *Mitohermenêutica* nas Universidad Complutense de Madrid e Universität Ramón Llull (Barcelona). Coordenador do *CICE – Centro de Estudos do Imaginário, Cultura & Educação* e do *Lab_Arte – Laboratório Experimental de Arte-Educação & Cultura*, ambos da FE-USP. Contato: marculus@uol.com.br

³ *“O pluralismo que caracteriza o movimento anarquista é condizente com a natureza humana. A máxima igualdade é aquela na qual cada um possa exercer plenamente sua diferença.”* (Cubero, 1988, p.8).

- a) é impossível ser livre sem o conhecimento;
- b) é possível o ser humano se organizar livremente de maneira autogestionária;
- c) o poder corrompe as relações humanas⁴; e
- d) a democracia participativa é uma utopia a ser construída

Destas convicções, se depreende que eu necessito ter, no mínimo, o mesmo nível de conhecimento que o meu opressor (econômico, social, simbólico, político, etc.); caso contrário, não consigo exercer minha liberdade. Em segundo lugar, se depreende que não necessitamos da figura autoritária e paternalista do Estado e seus *penduricalhos* (aparelhos) ideológicos (escola, instituições religiosas e meios de comunicação), repressores (polícia, exército, sistemas penitenciários e jurídicos), etc. Em terceiro lugar, que a articulação dos grupos humanos se deve exercitar em rodízio de tarefas e funções que permitam o exercício de todos sem apropriações e usurpações de poder. E, por último, que a democracia representativa, baseada no mecanismo eleitoral e partidário, é uma farsa que alimenta o sistema social em que vivemos.

*“Entendemos como **anarquia** a organização nascente que se mantém a partir da intercomunicação e cooperação dos seres constitutivos do todo. Ela é indispensável à constituição de qualquer organismo, mesmo quando este lhe impõe seu comando, seu controle centralizado e hierárquico. É necessário compreender que o grande problema de uma organização viva consiste em ser capaz de afrontar os acasos, os erros, as incertezas, os perigos. O importante não é, somente, se adaptar, mas também apreender, inventar, criar. Essa componente anárquica e pluralista é necessária a toda organização complexa, tanto na esfera biológica quanto na esfera antropológico-social.”* (Morin, 1988, p.14).

Para tanto, qualquer perspectiva de mudança ou transformação social não pode prescindir de uma reforma ou revolução que se inicia no interior de nós mesmos. Como dizia *Mahatma Gandhi*, temos que ser, nós mesmos, a mudança que pensamos para o devir. Assim, ele conseguiu mobilizar seu país para a independência. Não me parece ser fato desprezível ou episódico. Além do imperativo ético de abandonar a esquizofrenia reinante entre “discurso” e prática cotidiana, esta busca de coerência existencial-comunitária⁵, exige a mediação entre pólos

4 **“Os anarquistas sabem, e todos os estudos históricos o demonstram, que o exercício desse poder corrompe seus detentores que acabam sempre por exercitá-lo em benefício próprio, de uma forma ou de outra, em diferentes graus, sempre em detrimento do povo (...) ‘Não há pior heresia do que a de que o cargo santifica quem o exerce’, diz o testemunho insuspeito de Lord John Acton [citado por Herbert Read]”** (Cubero, 1988, p.04).

5 Sobre o importante teórico, militante e educador anarquista, o sapateiro *Jaime Cubero* (1927-1998), um dos re-estruturadores do CCS – *Centro de Cultura Social*, centro anarquista na antiga rua Rubino de Oliveira, 85, no Brás, desde o início do século XX, o companheiro José Carlos Orsi Morel (1998) diz: *“Jaime, como tantos anarquistas desde Bakunin, cativava mais pelo gesto, pelo ato e pelo exemplo, do que convencida pela argumentação. Para ser totalmente honesto, um quadro de sua personalidade deveria estar recheado de detalhes concretos de episódios biográficos, e não de encômios descritivos, pois para ele – como para os antigos gregos os Mistérios de Elêusis – o Anarquismo tinha que ser primordialmente vivido e não explicado. Como nos mistérios, o discurso era importante, mas sem a prática poderia degenerar-se em um galimatias, ou em mero protocolo de boas intenções, servindo mais a uma conspiração de belas-almas, que a uma revolução social efetiva. Não quero dizer com isso que seu discurso fosse trôpego ou mal costurado, ao contrário (...) embora o discurso fosse forte, o que cativava era a sua atitude, era o detalhe de seu cotidiano, aparentemente banal, mas conscientemente construído sobre os axiomas libertários, que para ele eram os sólidos fundamentos de seus imperativos éticos.”* (Morel, 1998).

até então antagônicos numa dialética-sem-síntese, recursiva, em que os pólos começam a ser pensados e vividos de maneira contraditória, complementar e simultânea (mestre/aprendiz, homem/mulher, adulto/criança, eu/outro, etc...). Do fundamentalismo da identidade que subordina exteriormente os resultados, passamos à pluralidade da *unicidade* que irmana os processos. De uma perspectiva linear, evolucionista; passamos a sentir, pensar e viver pela *circulação* ontológica e existencial. Ou, resumindo numa única palavra de criança: *ciranda*.

De maneira muito sucinta e resumida posso afirmar que a tradição branco-ocidental em que se assenta um dos pólos patentes da sociedade brasileira é, ao mesmo tempo:

- **oligárquica** – isto é, estruturada na posse histórica de grandes extensões de terra ou de riquezas por parte de uma pequena parcela da sociedade não necessariamente “*esclarecida*”;
- **patriarcal** – estruturada sob o domínio masculino patrilinear em que a figura do pai, do coronel, do Estado e do bispo (ou padre), são equivalentes simbólicos e cujas características básicas são: a separação e distinção, o mando, a posse, a vigilância, o castigo e a impunidade da arbitrariedade (senso de onipotência); seu atributo básico é a razão instrumental.
- **individualista** – estruturada sob a herança iluminista-burguesa da apologia do indivíduo sobre a comunidade ou sociedade, defesa da liberdade individual e da livre iniciativa (cuja expressão mais atualizada é o *neo-liberalismo*);
- **contratualista** – estruturada no formalismo do *contrato social* iluminista (*rosseauniano*) em que as relações sociais são, pretensamente, originadas de um contrato estabelecido entre os indivíduos de forma livre, autônoma e responsável em busca da liberdade, igualdade e fraternidade.

Estas expressões sociais e valores subjacentes à cosmovisão patriarcal, cujo mito prometeico é o terreno simbólico que as mantém, são, largamente, difundidas no tecido social e propaladas por seus equipamentos civilizacionais, através da dinâmica sócio-cultural que Gilbert Durand nomeia de “*pressão pedagógica*” do mito diretor sobre as instâncias sociais (Ferreira Santos, 2005). Estes equipamentos civilizacionais, por excelência, são: a escola, o Estado e os meios de comunicação. Pois bem, *nossa* cosmovisão afro-ameríndia é, radicalmente, **inversa** aos valores da sociedade branco-ocidental.

Na mesma direção, afirma Oliveira (2003, p.71) que: “*essa cosmovisão de mundo se reflete na concepção de universo, de tempo, na noção africana de pessoa, na fundamental importância da palavra e na oralidade como modo de transmissão de conhecimento, na categoria primordial da Força Vital, na concepção de poder e de produção, na estruturação da família, nos ritos de iniciação e socialização dos africanos, é claro, tudo isso assentado na principal categoria da cosmovisão africana que é a ancestralidade.*”

Ao contrário das limitações aristotélico-cartesianas do pensamento ocidental de matriz branco-patriarcal-adulto-machocêntrico; estas outras bases ancestrais de matiz étnica-matril-existencial-comunal-naturalista – antecipadas historicamente por nossos intelectuais libertários no Ocidente desde o século XIX – possibilitam formas alternativas e subversivas, humanas e fraternas de auto-organização. Contra a tese de que isto se trata

de “*voluntarismo*” ou de “*utopia romântica*”, sugerimos que se exercite um descentramento do fundamentalismo urbano-ocidental destas “*ilhas cosmopolitas*” para se conhecer o verdadeiro mundo que existe lá fora: nossas nações indígenas, as populações ameríndias (quéchuas, guaranis, tobas, mapuches, etc), as centenas de nações africanas, as etnias orientais (rom, ciganos, mongóis, etc), as etnias polinésias (maori), etc...

Isto que o fundamentalismo urbano considera o “*restante do mundo*”, de caráter exótico e pitoresco, ao revés, são as evidências mais concretas de modos de ser e estar distintos que se estruturam, de maneira similar à cosmovisão afro-ameríndia, sobre bases:

- **comunitária** (não-oligárquica) – baseada na partilha e socialização de bens e meios de produção, na preponderância do bem-estar comunitário e, depois, do bem-estar pessoal; entendida a noção de *pessoa* como o resultado do embate entre as pulsões subjetivas e as intimações comunitárias⁶;
- **matrrial** (não-patriarcal) – assentada nas formas mais anímicas de sensibilidade em que a figura da grande mãe (*mater*), da sábia (*sophia*) e da amante (*anima*) são equivalentes simbólicos e cujas características básicas são: a junção e a mediação, a religação, a partilha, o cuidado, as narrativas e a reciprocidade (senso de pertença); seu atributo básico é o exercício de uma razão sensível⁷ alicerçada na concepção da terra como mãe e organismo vivo, reduplicada em todas as mulheres;
- **coletiva** (não-individualista) - estruturada sob a herança agrícola-pastoril da importância da aldeia (comunidade) e partilha da colheita na defesa afro-ameríndia do aspecto comunal-naturalista: das relações com a natureza da paisagem onde se habita e da estrutura fraterna de sobrevivência⁸;
- **afetual-naturalista** (não-contratualista) - estruturada no afetualismo das relações entre as pessoas como forma de *cimento social*. Neste sentido, as relações sociais são originadas da necessidade pragmática de sobrevivência e do afeto gerado pelas relações parentais e pelas amizades construídas, na defesa da liberdade, das heranças e da fraternidade⁹. De caráter existencial - sem moldes projetivos – a vivência se

6 Coincidente também com as perspectivas de Ribeiro (1996) e Oliveira (2003).

7 “*Sua atitude estética diante da vida é a expressão de uma atividade ética diante do mundo. Estética aqui não é compreendida como a vertente da filosofia que estuda a arte, o belo. É a ‘ciência da sensibilidade’, que opera com os afetos, os perceptos, os energéticos e o cognitivo. É fazer filosofia não apenas com a razão. É ampliar a definição mesma de filosofia, superando a máxima de que a filosofia é o pensamento racional. Daí incorporar no tecido mesmo da filosofia, as categorias do desejo, da libido, dos afetos e das sensações que nos ata ao mundo e sua complexa diversidade.*” (Oliveira, 2003, p.168, nota 70, grifos meus).

8 Oliveira nos esclarece que: “*os impérios africanos, no caso de Gana, se formaram em contraposição à expansão árabe, no entanto, formavam-se de uma confederação de etnias que representavam várias culturas africanas (...) sob uma aparente unidade de etnia, existia uma pluralidade de concepções religiosas. Já em lugares em que não houve presença islâmica, não foram Impérios que se levantaram, mas cidades-estados ou outras formas de organização social (...) É interessante notar que não foram as sociedades estatais aquelas que mais resistiram à colonização. Foram as organizações nômades.*” (2003, pp. 37-39).

9 São princípios organizadores das sociedades africanas, segundo Oliveira (2003, p.71): “*princípio da diversidade, da integração, da harmonia com a natureza, princípio da senioridade – ligado à ancestralidade, o princípio da complementaridade, da polaridade do mundo entre energias destrutivas e construtivas, e o princípio comunitário, tendo o comunitário como estância maior do bem-estar social.*”

esteia na contingência cotidiana e em relações sustentáveis com o meio ambiente, respeitando e se integrando ao ecossistema, numa concepção ambientalista não-predatória (muito antes da civilização ocidental, sequer, nascer).

Não nos admira que no Brasil, somente a partir da década de 1940 é que o “povo” vai à escola. Este equipamento, dito, “civilizacional” sempre serviu a uma elite ora oligárquica, ora estatal, ora pequeno-burguesa. Daí, resultar compreensível a sua mais completa inadequação histórica ao tentar “servir” uma outra clientela: o *populacho*. E agora que o processo de democratização do acesso e da permanência na escola começa a se consolidar, a pretensão de difundir as bases de uma outra cosmovisão (sistematicamente combatida e menosprezada porque circulava no subterrâneo das instituições), do pólo patente da sociedade brasileira (afro-brasileira e ameríndia), só pode resultar em fracasso se não tivermos bem presente em nossas consciências e atitudes esta contradição radical.

Não é outra a razão do ímpeto voraz da globalização em “educar” e “incluir” estas sociedades tradicionais no circuito capitalista e manter sob as rédeas do Estado, a vocação emancipatória destes povos.

Que isto tem a ver com a experiência do Piá¹⁰ ?

O coletivo Piá apresenta as mesmas características – sendo fiel ao matriciamento afro-ameríndio comunitário – de uma organização autogestionária de caráter educativo. Neste sentido, seria possível identificar na gênese da experiência, nos alicerces de sua continuidade, nas preocupações de seus membros, na vivência das crianças e no júbilo das conquistas e angústias das indecisões, as marcas libertárias de uma ação direta, conseqüentemente, educativa; mas, não-escolar.

É evidente que as manobras mais ou menos “enquadrantes”, sejam de parte do Estado, seja das “facções” acadêmicas, das cooptações parlamentares político-partidárias, e mesmo de companheiros e companheiras do próprio coletivo em momentos de indecisão e hesitação; podem querer “escolarizar” a experiência e, ato contínuo, burocratizar, hierarquizar, mecanizar... O que equivale a dizer: neutralizar sua ação subversiva. Isto é: prazenteira!

“mesmo que uma moralidade libidinal-maternal seja identificável na estrutura instintiva, e ainda que uma racionalidade sensual pudesse tornar Eros livremente suscetível de ordem, um obstáculo profundamente íntimo parece, no entanto, desafiar todo e qualquer projeto de desenvolvimento não-repressivo – nomeadamente, um vínculo que liga Eros ao instinto de morte. O fato brutal da morte nega redondamente a realidade de uma existência não-repressiva (...) sufoca os esforços utópicos.” (Marcuse, 1968:199,203)

10 Coletivo de alunas do curso de Pedagogia da FE-USP em projeto de extensão universitária, vinculado ao *Instituto Cactus*, o qual tem o intuito de fornecer subsídios para elaboração e implementação de políticas públicas na área de educação, desde novembro de 1997, funcionando no Centro Educacional e Esportivo “Raul Tabajara”, rua anhanguera, 484 – bairro de Barra Funda – São Paulo, com crianças a partir de 02 anos. Contatos: www2.fe.usp.br/~pia – e-mail: pia@yahoogrupos.com.br.

No estilo *mitohermenêutico* que venho desenvolvendo ao longo destes anos (Ferreira Santos, 2005 e 2005b), uma instância importante das tentativas de compreensão é o recurso à etimologia que nos aclara sentidos arqueológicos nas entranhas da significação. Queria lembrar que “*Pi’a*” que nomeia a experiência é termo guarani para “*pequena parte do coração*”, “*Pe’ã*” equivale àquilo que é cortado em partes; ou mais comumente utilizado como “*filho*”. No entanto, a significação de *parte*, de que se trata de *pequeno*, e de que corresponde ao *coração*, permanecem nas “*belas palavras*” do universo guarani.

O modo ancestral de ser (*ñande rekó*) guarani sabe o valor que os pequenos tem e seus nomes vêm da região celeste, acessíveis em sonho aos pais e que o pajé (*che ramõe*) reconhece, ao batizá-los quando já maiores. Esta concepção de que vivemos para realizar o destino de nossos nomes – atributo sagrado da palavra – se traduz na mais bela imagem da ontologia guarani: realizar-se é “*poty*”, *florir*. A pequena e bela epifania da luz no drama vegetal dos ciclos.

Por que a insistência no significado de piá ?

Se retomarmos os ciclos rituais das sociedades agrícolas presentes ainda nas sociedades tradicionais de que tratamos, podemos exemplificar a profundidade desta significação no universo mítico grego, um pouco mais conhecido no território ocidental.

Dioniso, deus do êxtase, deus dos camponeses agricultores que teve muita dificuldade de penetrar no ambiente apolíneo da *polis* (reino da razão, *logos*), possuía como arautos de sua celebração os atores de teatro. Uma das vertentes da gênese de Dioniso, chamado de *Dioniso Zagreu*, “*aquele duas vezes nascido*”, nos relata que o menino Dioniso havia nascido de uma união adúltera entre Zeus (o Senhor do Olimpo) e uma princesa tebana chamada *Sêmele* (a mesma raiz de “*semente*”). Hera, a esposa legítima de Zeus e senhora da natureza, se enfurece ao saber pelo delator, *Hélios*, “*aquele que tudo vê e tudo delata*”, o próprio Sol, que já havia nascido o menino que as profecias apontavam como o sucessor de Zeus.

Incomodada com a situação, Hera pede aos *eidolas* (fantasmas, idéias) que executassem o menino. Os *eidolas* se polvilham com farinha branca e empunham *crepundia* (chocalho) fazendo com que o menino se divertisse com aquelas figuras enigmáticas e barulhentas. Assim, se aproximam gradativamente do menino até que se precipitam sobre ele e o devoram.

Neste momento, o mesmo *Hélios* avisa o pai, deus dos deuses, *Zeus* do que estava acontecendo. Zeus, imediatamente, vai em socorro do filho, mas chega ainda tarde. Entre os *eidolas*, Zeus somente consegue recuperar o coração do menino, ainda palpitando. Com um gesto esperançoso coloca o coração do pequeno dentro de sua coxa e gesta novamente o filho.

Depois da gestação inaudita, Dioniso nasce pela segunda vez, assim como a semente enterrada (morta na terra) renasce ao brotar. Conduzida pelo deus *psychopompo* (condutor de almas), *Hermes*, o menino Dioniso renascido é levado até o monte *Nisa* (*Dio = deus, niso = nome do monte, de onde, o deus nascido em Nisa*). Ali,

para ludibriar a procura ciumenta de Hera, o menino é colocado aos cuidados dos sátiros e ninfas e transformado em caprino. A interpretação cristã-medieval verá aqui indícios demonizantes mas, é assim que será criado e “educado” com o leite sagrado da terra e das vinhas - o vinho (e por isso os romanos o chamarão de *Bakko*, “deus do vinho”), cultivará o prazer e o êxtase, a religação e a comunhão, e suas sacerdotisas, as *Mênades* ou *Bacantes*, continuarão a difundir esta sensibilidade agrícola (que não tem pretensões redentoras nem salvadoras).

Este drama da semente, *duas vezes nascida*, que subjaz aos mitos agrícolas e que sofre o *diasparagmós* (despedaçamento), renasce através da gestação na coxa do deus. Simbolicamente, o renascimento das alternativas só se efetiva depois da gestação pelo próprio caminhar. Mais que uma alternativa teórica, a *autogestão* é o experimentar concreto daqueles que sonham a utopia e a perseguem na lida cotidiana, no caminhar de suas coxas, nas histórias de suas interações.

“É óbvio que sistemas auto-organizados entram em relação mútua com seu ambiente. Unidades estruturalmente plásticas transformam-se reagindo a perturbações providas de fora. Tais interações podem tornar-se momentos propriamente ditos definidores da organização – o que acontece, de fato, na teoria de Maturana. Segundo ele, a organização autopoietica constitui uma configuração invariante de relacionamento, em torno da qual a seleção de suas alterações estruturais, determinam seu desenvolvimento histórico fixando, assim, a história de suas interações.” (Flickinger & Neuser, 1994, p.20).

Por isso, o próprio nome da experiência autogestionária, *Piá*, traz em seu nome todo o ciclo que, ancestralmente, contém a significação da experiência. Isso não se trata de *predestinação*, mas exige uma compreensão mais profunda e inteira do fenômeno humano, uma compreensão mitohermenêutica ou ainda, uma perspectiva arqueológica da psique e da existência humana.

O dilaceramento equivale ao “*enquadramento*” repressivo, sufocação da utopia. Neste sentido, se juntam os *eidolas* (idéias, fantasmas, teorias, Estado), pálidos e sem vida, mas, fazendo muito barulho. Aqui cabe a recuperação de seu coração: órgão vital, bomba muscular da libido, da pulsão vital, movente. Mesmo que dilacerado (em várias partes), o pequeno coração (*Piá*) é colocado dentro da coxa (“*caminante no hay camino, se hace camino al andar; golpe a golpe, verso a verso*” – Antonio Machado, poeta espanhol), e aí é gestado. Auto-gestado. Engendramento da vida nas pequenas experiências cotidianas que cuidam das sementes. Centelha, cometa de um universo diminuto, diria o poeta cubano, Silvio Rodriguez. Experiência epicurista nas oficinas dos sábios: no jardim (*képos*), gestando os tempos do devir sob a escuridão do tempo presente. Partilhando o vinho, o pão, a amizade e o conhecimento. Exercício de liberdade.

Esta autogestação que, particularmente, me sopra ventos agrônomo e musicais em sua gênese, muito me lembra outra experiência autogestionária fundante em nossa memória libertária (e legada ao “*prudente*” esquecimento): a *Colônia Cecília*.

Um jovem agrônomo e músico, *Giovanni Rossi*, amigo de Carlos Gomes que se consagrara na Itália, era anarquista convicto e dava conferências na *Casa do Povo*, “*plantando feijão no pó*”, diria Elomar. Em 1888, quando D. Pedro II, acometido de diabetes, procura auxílio médico em Paris, ao melhorar, empreende viagem à Milão e é procurado pelo jovem anarquista curioso com a fama de intelectual que nosso monarca gozava em Europa. Não chegam a se encontrar, mas Rossi lhe escreve carta e recebe um pequeno livro com um romance escrito sobre uma experiência anarquista na América do Sul, *Il Commune in Riva al Maré*. Entusiasmado com o humanismo da leitura, D. Pedro II lhe responde em carta oferecendo 300 alqueires no Paraná para que Rossi empreendesse sua experiência. Com a doação das terras, Rossi e várias outras famílias, em cerca de 300 pessoas, fundam a *Colônia Cecília* (Souza, 1970).

“Antecipando Reich, [Rossi] fazia crítica acirrada à família patriarcal, como geradora de egoísmos, teimosias, rancores, desconfianças, querelas, antipatias gratuitas, etc. vendo, por outro lado, que a convicção de sentir-se livres e iguais ia imprimindo maior franqueza às atitudes. A vida em comum começando a condicionar a tolerância recíproca das fraquezas humanas. A prática da liberdade estimulando o respeito pelo próximo (...) A organização do grupo era cooperativa e francamente anarquista. Impedia-se que qualquer pessoa assumisse a representação individual da comunidade. Combatia-se energicamente as tentativas de assumir influências dentro do grupo e as denominações de diretor, patrão, feitor, etc., tinham conotações pejorativas, que cada qual procurava evitar. A coletividade não possuía normas fixas, rigidez de propostas, regulamentos, nenhum estatuto ou pacto escrito (...) A norma da Cecília era o trabalho cooperativo e o consumo coletivo” (Utopia, 8, p.10:11).

Tal experiência, não livre de dificuldades iniciais, converte sapateiros em agricultores, médicos em carpinteiros, agrônomos em pedreiros. A colônia se instala nas proximidades de Palmeira e Santa Bárbara (colônia de poloneses), na Serra da Esperança, no Paraná, de 1890 a 1893. Pela primeira vez, uma bandeira rubro-negra anarquista tremula numa palmeira. Cultivo de milho e uvas: “*os parreirais eram festas para os olhos*” (Souza, 1970, p.95). O córrego das Pedras movimenta o moinho de fubá. Na entre-safra, os homens trabalham na construção de estradas de ferro. Todo o montante arrecado vai para uma caixa-comum. Um paiol é construído como *falanstério* ao modo da *Casa do Povo* em Milão e ali discutem, decidem, sonham: “*o vinho dos Agottani provocava tin-tin às evocações mais imediatas. Vivas eram dados ao futuro arado (...) voltavam à lavoura. Satisfeitos. Palradores. Brincalhões.*” (p.197). Uma pequena escola nos princípios libertários se ergue.

Os latifundiários próximos reclamam. A derrocada do Império e o avanço dos federalistas republicanos colocam a experiência em situação delicada. Um surto de crupe atinge a colônia e crianças morrem, inclusive duas filhas de Rossi. Os “*anjinhos*” são enterrados no improvisado “*cemitério dos renegados*”, assim conhecido pois o pároco da região vociferava contra os anarquistas. Um dissidente, José Gariga, desvia um carregamento de milho da colônia e furta grande quantidade. Desânimo. O golpe final viria com a acolhida de um fugitivo, Emílio Sigwalt, crítico do legalismo e das práticas autoritárias dos republicanos que foi bem recebido pela colônia. Ficara apenas um dia e parte. Ao chegarem as tropas republicanas perseguindo Sigwalt, mediante o silêncio solidário dos anarquistas da colônia, os soldados cederam à selvageria covarde dos poderosos: quebraram o moinho de fubá, jogaram o milho encontrado no córrego das Pedras, inutilizaram ferramentas de trabalho,

sementes... O instinto de morte (*destrudo*) como princípio repressivo ao instinto de vida (*libido*) sufoca os esforços utópicos: “*Giovanni Rossi, desalentado pela perda de duas filhas, movia-se – ar de filósofo campesino –, pelos arredores da Colônia, danificada pela soldadesca e marcada pela desolação conseqüente à derrubada do milharal. Passava em revista seu sonho político. Pesava e revia cada momento de sua vida, nos últimos quatro anos. Sentia, intimamente, que nada tinha a corrigir de si mesmo.*” (p. 135).

Como não perceber na trajetória desta experiência fundante da Colônia Cecília há mais de cem anos¹¹ os mesmos elementos que dizíamos da narrativa mítica de Dioniso e que está condensado no nome guarani “Piá”? O nascimento, o despedaçamento e o renascer no caminhar.

Lembraríamos ainda com o mestre Errico Malatesta: “*em uma organização anarquista, cada um dos membros pode professar todas as opiniões (...) em todos os casos, esta ou aquela organização só dura enquanto as razões de unirem-se forem mais fortes que os pontos de divergência; senão, ela se dissolve para deixar lugar a outros agrupamentos mais homogêneos (...) Mas, a duração de uma organização libertária deve resultar das afinidades espirituais de seus membros e de sua faculdade em adaptar-se às circunstâncias que mudam continuamente; quando ela não for capaz de cumprir uma missão útil, é preferível que morra.*” (*Il Risveglio*, 15 de outubro de 1927, In: 1984, p.116).

É aqui que percebemos na experiência autogestionária e pedagógica do Coletivo Piá, uma promessa e uma ação. Não nos iludamos com estratégias para evitar o despedaçamento. Ele virá. Mas, façamos desta experiência da morte, uma morte simbólica, importante para o renascimento e a reafirmação dos princípios a principiar sempre. Mas, é preciso uma coragem de semente para enfrentar a escuridão e a solidez da terra ao ser enterrada. É preciso uma força ainda mais vital, uma pulsão erótica (guiada pelo princípio do amor, *Eros*), capaz de engravidar-se com o húmus da terra. E germinar.

O broto verde e hesitante no caule da planta ou no tronco da árvore não é uma barriga de gravidez prestes a rebentar¹² ?

Esta religação (*re-ligare*) com as forças primárias humanas nos ajuda a fazer uma releitura (*re-legere*) do mundo. Assim estamos prenhes de sentido. Engravidados pela experiência de autogestão. Partilhamos uma autogestação. E ao parirmos os nossos pequenos pedaços de coração - nossos *piás* - estes farão aquilo que fizemos com eles. Cultivo.

11 “*Por que a preocupação de alguns historiadores em silenciar a Colônia Cecília? Por que o negativismo sistemático a anular valores do núcleo anarquista? A experiência se puder servir aos que nos lerem, seja para a luta contra as opressões, contra as coerções, contra os empedernidos e os acomodados, contra os que, a pretexto de defenderem a civilização brasileira, não permitem e não querem estudar, observar, ler, analisar, e escrever, já será consolo apreciável.*” (Souza, 1970, p.184).

12 Por isso, também, meu desejo mais profundo de continuar as minhas oficinas de *bonsa tropicai* (*penjing*), “*Educação da Árvore*”, com as crianças do Coletivo Piá.

***Artigo dedicado à memória do mestre sapateiro do Brás,
Jaime Cubero (1927-1998),
semente e estrela.***

***E a Gabriela Francischinelli,
piá germinando sua promessa de luz própria
ao som de um violoncello.***

Bibliografia:

- CUBERO, Jaime (1988). **As Idéias Força do Anarquismo**. In: *Curso Livre Anarquismo: Atualidade e Reflexão*. São Paulo: Centro de Cultura Social, pp. 04-08.
- CUBERO, Jaime (1997). **Razão e Paixão na experiência anarquista**. São Paulo: Libertárias (www.nu-sol.org/libertarias-4).
- FERREIRA SANTOS, Marcos (2005). **Crepusculario: conferências sobre mitohermenêutica & educação em Euskadi**. São Paulo: Editora Zouk, 2ª. ed.
- FERREIRA SANTOS, Marcos (2005b). **Ancestralidade e convivência no processo identitário: a dor do espinho e a arte da paixão entre Karabá e Kiriku**. In: SECAD/MEC. (Org.). *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal n.o 10.639/03*. Brasília: MEC, pp. 205-229.
- FLICKINGER, Hans-Georg & NEUSER, Wolfgang (1994). **Teoria de Auto-Organização: as raízes da interpretação construtivista do conhecimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, Coleção Filosofia 16.
- MALATESTA, Errico (1984). **Textos Escolhidos**. Porto Alegre: L&PM Editores, Biblioteca Anarquista, Grupo Anarquista 1.o de Maio.
- MARCUSE, Herbert (1968). **Eros e Civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- MOREL, José Carlos Orsi (1998). **A Semente e a Estrela (adeus a Jaime Cubero)**. *Libera... Amore mio*, n.o 85, junho.
- MORIN, Edgar (1988). **Utopias Revisitadas**. In: *Utopia*. Rio de Janeiro: Grupo Utopia, primavera, n.o 1, pp. 14-15.
- OLIVEIRA, Eduardo (2003). **Cosmovisão Africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente**. Fortaleza: LCR, Ibeca.
- READ, Herbert (1978). **La Filosofía del Anarquismo**. Barcelona: Triangle Edicions.
- RIBEIRO, Ronilda (1996). **Alma Africana no Brasil. Os Iorubas**. São Paulo: Oduduwa.
- SOUZA, Newton Stadler (1970). **O Anarquismo da Colônia Cecília**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- UTOPIA (1989). **Colônia Cecília: uma experiência de Autogestão**. Rio de Janeiro: Grupo Utopia, inverno, n.o 2, pp. 10-11.